

SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

PSICOFÁRMACO: A PRESCRIÇÃO PARA O NÃO SABER

Ana Karina Barbosa Moura; Érico Bruno Viana Campos.

Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas em Psicanálise. NEEPSICA-
Departamento de Psicologia. Faculdade de Ciências. Universidade Estadual
Paulista. UNESP. Bauru- SP. E-mail: clinicaanakarina@gmail.com

A presente pesquisa, desenvolvida como parte de dissertação de mestrado, analisa, através da teoria psicanalítica, as consequências subjetivas do uso contínuo de psicofármacos por crianças e jovens, através de um estudo de caso longitudinal, com intervalo de tempo superior a uma década, entre a primeira e a segunda entrevista. Acompanhamos a história de Sofia, inicialmente medicada em decorrência do TDAH, aos dez anos de idade, momento em que fora realizada a primeira entrevista, na ocasião com sua progenitora e posteriormente com Sofia, através do Procedimento de Desenho Estória com Tema. Recentemente, após onze anos deste primeiro contato, reproduzimos o Procedimento de Desenho Estória com Tema, com a agora jovem universitária Sofia, além de uma entrevista semi-dirigida. No primeiro encontro, nos deparamos com a história de uma criança envolta em um emaranhado de não-ditos, e segredos familiares, o ato de aprender mostrava-se angustiante e perigoso demais, neste contexto, o remédio tornou-se um objeto idealizado a serviço de uma defesa maníaca, a ele atribuía-se a única possibilidade de superar as dificuldades. No encontro posterior, diante da jovem Sofia, percebemos que o que havíamos compreendido de suas produções da infância estavam no caminho correto, a jovem relatou suas dificuldades de aprendizagem e descreveu a crença que mantivera ao longo desses anos: o aprender só é possível mediante a medicação. Mesmo quando alcançava um bom desempenho, suas percepções lhe apontavam para o remédio, para o professor, não conseguia atribuir a si as conquistas, seus relatos são emocionados e portam uma mensagem de alívio, pois hoje, se percebe com condições de compreensão dos conteúdos de sua graduação e condições de manter a disciplina com relação aos



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

estudos, sem o uso da medicação estimulante. Mas Sofia continua medicada. Aos treze anos recebeu um segundo diagnóstico de Síndrome do Pânico e com este uma nova prescrição medicamentosa, um antidepressivo, a Paraxetina. Até o ensino médio, ingeria ambas as medicações: um estimulante e um antidepressivo; até que opta por não fazer mais uso do psicoestimulante. Nota-se que Sofia ainda convive com os sintomas de ansiedade, muito provavelmente advindos dos não ditos familiares, que ao que tudo indica persistem, e a medicação continua compondo um mecanismo de defesa de negação diante da angústia do desconhecido- conhecido.

Palavras chaves: Psicanálise; Psicofármaco; Infância.

Introdução

O tratamento de pessoas com medicamentos vem se mostrando crescente, um aspecto preocupante para a área de saúde e para a sociedade em geral, uma vez que, o uso indiscriminado de fármacos é apresentado como propostas de melhorias para o desenvolvimento dos indivíduos sendo introduzidos não raramente, desde a infância (Cunha & Melo, 2017). Desde o início do século XXI há um crescimento dos diagnósticos de transtornos psiquiátricos, nos quais muitos aspectos e experiências da vida cotidiana, no âmbito das relações sociais e também no âmbito do trabalho e da educação, este último principalmente na fase da infância, adquirem o estatuto de alguma doença ou distúrbio. Proliferam, neste âmbito, diagnósticos de transtornos neurobiológicos, de causas ainda desconhecidas, o fenômeno mais ilustrativo é a suposta epidemia de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), invocado como justificativa para o fracasso escolar de muitas crianças e adolescentes (Melo, 2016). O tratamento médico comumente prescrito para crianças e adolescentes diagnosticados com esse transtorno, é o psicofármaco estimulante: metilfenidato. Dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), apontam para um aumento de 75% do consumo desta medicação no Brasil, entre crianças de 6 a 16 anos, entre 2009 e 2011, em 2011 foram



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

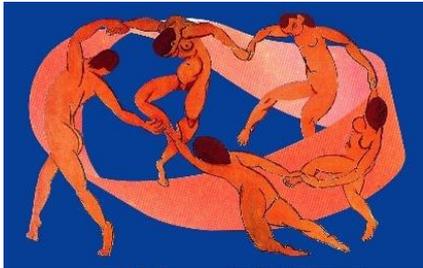
comercializadas 1.212.850 caixas deste medicamento no país. Neste cenário, compreendemos fundamental a investigação das consequências para as subjetividades do uso prolongado de psicofármacos desde a infância, considerando que estes podem afetar a percepção que a criança construirá de si mesmo. Neste sentido, apresentamos, um estudo de caso longitudinal, realizado com o mesmo sujeito, com um intervalo de 11 anos, entre uma análise e outra; o primeiro estudo foi realizado com Sofia, então com 10 anos, diagnosticada com TDAH por um neuropediatra, e medicada com um psicoestimulantes o metilfenidato (Barbosa, 2008), e a segundo estudo, feito recentemente (2019), com a agora jovem universitária Sofia de 22 anos.

Método

Estudo de caso longitudinal, realizado com um intervalo de 11 anos entre a primeira e última análise. Na primeira análise contamos com uma entrevista com a mãe e posterior aplicação do procedimento Desenho- Estória com Tema (Vaisberg, 2013), onde solicitamos a Sofia (10 anos), o desenho de uma pessoa agitada, na sequência requisitou-se uma estória a respeito do desenho criado, e encerramos o encontro conversando sobre ambas as produções. Recentemente, reaplicamos o procedimento com Sofia, agora com 22 anos, solicitamos uma vez mais o desenho de uma pessoa agitada, e posteriormente uma estória a respeito de sua produção, na sequência dialogamos com relação as suas produções tanto atuais, quanto anteriores (de onze anos atrás). Em ambos os estudos, a teoria utilizada para analisar entrevistas, desenhos e estórias, foi a teoria psicanalítica.

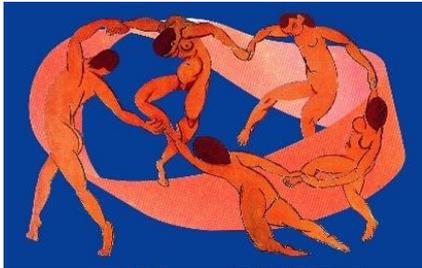
Resultados

A primeira análise dos dados (Barbosa, 2008), apontavam para a medicação como uma defesa maníaca utilizada por Sofia, que diante de segredos familiares (revelados pela mãe em sua entrevista com a pesquisadora), significava o aprender como algo perigoso e temido, o que se



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

evidenciava em seus sintomas: dificuldades de aprendizagem/ retenção dos conteúdos na memória, em um dia demonstrava sabe-los, no dia seguinte, já não dispunha das informações/ conteúdos utilizados por ela anteriormente. Na ocasião, Sofia desenvolve um desenho e uma estória, intitulado (por ela) “Um passeio Maravilhoso” onde a personagem Mariana estava muito ansiosa para ir em um passeio que seria realizado pela escola, e a mãe de Mariana, não sabia mais o que fazer para acalmá-la, no diálogo com a pesquisadora, Sofia verbaliza que a única forma de Mariana ser ajudada seria através de um remédio e da crença neste. “Sozinha ela não consegue” (conclui a menina). No encontro realizado atualmente, passados mais de uma década, encontramos uma Sofia universitária, no penúltimo ano de graduação, que conserva seus traços, representa no papel, da mesma forma que na primeira vez da aplicação do procedimento uma menina, desta vez intitula a produção de: “A menina agitada”, e ao narrar a estória do desenho, desta vez, conta de uma menina que ‘gostava de fazer muitas coisas e no mesmo tempo’ e isso lhe trazia um pensamento muito acelerado e uma dificuldade de finalizar o que iniciara, a deixando muito mal. Até que decide se focar, e realizar as tarefas do início ao fim sem iniciar outras. Sofia relata que foi apenas no ensino médio que conseguiu se organizar desta forma, mas ainda se considera: “ansiosa, medrosa e insegura”; aos 13 anos apresentou sintomas que foram diagnosticados como síndrome do pânico, e até o ensino médio ingeria dois psicofármacos: metilfenidato e antidepressivo, posteriormente deixou de tomar o psicoestimulante gradualmente, até hoje, no entanto, Sofia ainda faz uso contínuo do antidepressivo; ao receber informações da pesquisadora, a respeito da análise anterior, dos resultados que sugeriam uma criança atribuindo a capacidade de aprendizado ao remédio, Sofia concorda e complementa que cresceu atribuindo conscientemente aos outros, como o remédio e as vezes até a professores suas boas notas.



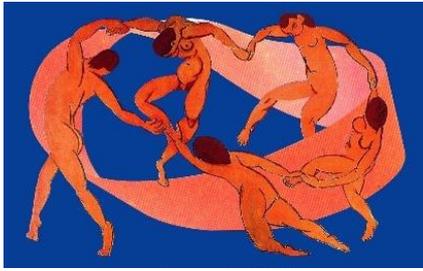
SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Considerações Finais

O estudo longitudinal, aqui brevemente descrito, sugere um psiquismo marcado pelo uso de psicofármacos, e os utilizando como defesa, como negação da angústia, diante de segredos familiares, ou seja, trata-se de uma prescrição para o não saber. Na ocasião do primeiro estudo, a mãe de Sofia nos revela um segredo sobre a origem da filha, envolta em muita angústia e culpa, a mãe relata que temia ser este também o motivo das dificuldades da filha. Ao que tudo indica, Sofia segue desconhecendo conscientemente, essa parte tão importante de sua história de vida; não nos surpreendem, do ponto de vista psicanalítico, seus sintomas classificados como síndrome do pânico pela psiquiatria, uma vez que, compreendemos através desta teoria, que os mal-estares não nomeados são atuados corporalmente (Birman, 2003). Assim como na infância, o psicofármaco ocupa o lugar do essencial para todos: o conhecimento de si, de nossa história verdadeira.

Referências

- Barbosa, A. K. (2008). *Era uma vez no Encontro com Crianças Agitadas: O Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade diagnóstico e medicação*. 101f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Birman, J. (2003). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Melo, R. (2016). Uma interpretação para a medicalização da infância e da adolescência. In: Pacheco, A. L. P; Oliveira, B (Orgs). *Criança: Objeto ou Sujeito*. São Paulo: Escuta.
- Cunha, J.A.P., & Mello, L.M.L. (2017). Medicação/Medicalização na infância e suas possíveis consequências. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas* v. 2, n. 4, jul./dez. 2017. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/viewFile/15252/117>
33



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Aiello-Vaisberg, T.M.J., & Ambrosio, F.F. (2013). Rabiscando desenhos-estórias com tema: Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In W. Trinca (Org.), *Procedimento de Desenhos-Estórias: Formas derivadas, desenvolvimento e expansões*. (pp. 277-302). São Paulo: Vetor Editora.